

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 4 – O Embate da Igreja Contra o Mundo
II Tessalonicenses 1 – 2:12

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

Estamos prosseguindo, prezado ouvinte, com o nosso estudo sobre as cartas de Paulo.

Após três lições dedicadas à primeira carta dirigida à Igreja de Tessalônica, estamos dando início, hoje, ao estudo sobre a Segunda Carta aos Tessalonicenses, escrita pelo apóstolo Paulo não muito tempo depois da primeira.

O portador da primeira carta levou novo relatório a Paulo a respeito da Igreja de Tessalônica. Por ele, chegaram informações de que alguns dos ensinamentos transmitidos através da primeira carta não foram bem compreendidos pelos tessalonicenses. Além disso, um ensino errôneo que havia chegado a Tessalônica por uma outra fonte, possivelmente uma carta falsificada, estava sendo atribuído a Paulo e vinha perturbando a tranqüilidade da Igreja, de acordo com o que lemos no capítulo 2, versículo 2.

Era necessário esclarecer o assunto.

O apóstolo Paulo, então, escreveu a segunda carta com a finalidade de corrigir equívocos e resolver novos problemas.

Sua primeira palavra, no entanto, foi de elogio e encorajamento à Igreja, com ação de graças a Deus pelo

progresso e constância daqueles irmãos, como escreveu: *“Cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando”*(II Tessalonicenses 1:3).

Dentre os estudiosos da Bíblia, há quem considere que esta palavra de ação de graças no início da segunda carta, assim acompanhada da expressão ‘como é justo’, visava responder a um possível protesto dos tessalonicenses aos elogios que receberam de Paulo na primeira carta, por considerá-los exagerados.

O apóstolo não somente reiterou a palavra de ação de graças, como afirmou ser justo que assim se fizesse, apresentando as razões para tanto. Fé, que cresce muitíssimo, e amor mútuo entre os irmãos são fortes motivos para render graças a Deus.

E não apenas isso. A Igreja se mostrava digna de reconhecimento também pela paciência e pela fé demonstradas nas perseguições e aflições que suportava (1:4). Se a tribulação era forte, vigorosas eram a fé e a paciência daqueles crentes.

Isso mostra que a Igreja continuava a enfrentar perseguições e o seu desenvolvimento se dava em meio à

tribulação. Tanto assim que um dos equívocos que afligiam a Igreja tinha por base um entendimento distorcido a respeito do significado da tribulação que enfrentava.

Por terem interpretado de forma incorreta o esclarecimento prestado por Paulo, na primeira carta, acerca da volta do Senhor Jesus, e devido aos falsos ensinamentos que receberam de outra fonte, como já mencionamos, alguns irmãos tessalonicenses sustentavam que as tribulações e perseguições sofridas eram já aquelas referentes ao dia do Senhor, indicando a volta de Jesus. Possivelmente e em conseqüência a esse entendimento errôneo, havia quem pensasse que eles tivessem sido excluídos do arrebatamento da Igreja, pensamento esse que causava aflição e temor.

Paulo, então, se pôs a esclarecer o assunto com a finalidade de desfazer os equívocos e de consolar aqueles irmãos.

Primeiramente, o apóstolo esclareceu o significado da aflição que enfrentavam, levando-os a entender, e a nós hoje também, que as perseguições fazem parte da vida normal da Igreja e representam o embate da Igreja contra o mundo.

Antes de serem sinal da reprovação de Deus, as perseguições colocam em evidência a força de uma fé genuína, inabalável.

Dessa forma, a constância da fé dos crentes em meio à tribulação é sinal evidente de que Deus os reconhecerá como dignos de entrarem no seu reino, esclareceu Paulo, dizendo ser

“prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis” (1:5). Esse ensinamento é reiterado pelo apóstolo Pedro ao dizer *“que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação... em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo”* (I Pedro 1:5-7).

Lembremos, ainda, que o próprio Senhor Jesus nos preveniu a respeito desse embate contra o mundo, quando disse aos seus discípulos: *“Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece”* (João 15:18-19).

Portanto, enfrentar perseguições por causa da nossa fé em Jesus e da nossa obediência aos seus preceitos é sinal de que pertencemos ao reino de Deus. As perseguições fazem parte do embate da Igreja contra o mundo.

Contudo, os esclarecimentos de Paulo à Igreja não terminam aí.

O equívoco quanto ao significado das perseguições estava vinculado a um outro, relativo à volta do Senhor Jesus. Sendo assim, fazia-se

necessário esclarecer este outro também.

O assunto fora abordado na primeira carta e agora é retomado na segunda. Guardadas as semelhanças, existem diferenças que distinguem as duas cartas. Na primeira, a ênfase recai sobre o arrebatamento da Igreja, ou seja, sobre a volta do Senhor Jesus em relação aos crentes; na segunda, a ênfase é dada em relação aos ímpios.

O ouvinte que tem nos acompanhado deve estar lembrado de que na primeira carta Paulo faz referência ao caráter 'repentino' da volta de Cristo, no sentido de surpresa, cujo tempo é imprevisto 'como ladrão de noite'. Ninguém sabe quando ocorrerá. Os tessalonicenses interpretaram essa expressão 'repentina' de forma errônea, considerando-a como iminente, algo que está preste a ocorrer.

Por isso, era necessário fazer distinção entre os significados de surpresa e iminência, o que foi feito por Paulo na segunda carta, ao longo do capítulo 2.

O apóstolo advertiu a Igreja a não pensar que a volta de Cristo estivesse perto (2:2) porque isso não acontecerá antes que dois fatos se cumpram:

- **a apostasia**, cujo significado é revolta, rebelião de caráter religioso, que deverá ocorrer com todos os seus sinais, conforme predita por Jesus em Mateus 24;
- **o aparecimento do anticristo**, chamado de

'homem de pecado' (2:3) ou 'besta que sobe do abismo' em Apocalipse 11:7, o qual é 'filho da perdição', ou seja, aquele que está determinado para a destruição.

O anticristo será o líder da rebelião escatológica contra Deus. Virá pela eficácia de Satanás com sinais e prodígios de mentira para os que perecem, uma vez que não receberam o amor da verdade para se salvarem, mas tiveram prazer na injustiça (2:9-12).

Lembramos, então, do que Jesus disse em João 3:19: *"E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más"*.

Uma espécie de reação em cadeia: o prazer na injustiça se opõe ao amor à verdade e à sua aceitação. Sem o reconhecimento da verdade, a pessoa fica vulnerável ao engano. Somente o amor que vem da verdade do Evangelho pode livrar do engano do anticristo. Caso contrário, a pessoa perece.

Quanto ao anticristo, a esse "o Senhor desfará pelo assopro da sua boca", isto é, pela Sua palavra, e o aniquilará na sua vinda gloriosa.

Quando o Senhor Jesus se manifestar em glória, então o embate da Igreja contra o mundo cessará. Nesse dia glorioso, haverá descanso, alívio definitivo das aflições para os servos fiéis, enquanto, lamentavelmente, hão de perecer aqueles que não conheceram a Deus

e não obedeceram ao Evangelho de Jesus Cristo (1:7-8).

Por isso, mesmo em meio a embates contra o mundo, à Igreja do Senhor Jesus cabe prosseguir. Prosseguir guardando a fé, a esperança e o amor, tendo por certo que a vitória de

Cristo nos faz também vencedores, razão pela qual *“Não é dos fortes a vitória, nem dos que correm melhor! Mas dos fiéis e sinceros, como nos diz o Senhor!”* (Hino 471 – Cantor Cristão).

Amém.